



Série Especial de Reportagens

## AO RITMO DA MPB

Em sua segunda década, quadro de empregados foi multiplicado e Serpro promoveu festival de música popular brasileira

Festival Canta Serpro Nacional -  
Belo Horizonte/MG, 1984

Revista Interna Nº 30 - Abr/Mai 2014

• **CERVEJA LEVADA A SÉRIO**

Colegas produzem a bebida de forma artesanal

• **NA LINHA DO EQUADOR**

Saiba mais sobre o escritório do Serpro em Macapá

• **GUARDIÕES DOS GATOS**

Colegas providenciam lar para bichanos abandonados

# QUANDO O SERPRO QUINTUPLICOU

*A década que se inicia em 1975 foi a de muitos digitadores, grandes revoluções comportamentais e efervescência da música popular brasileira*

“Éramos todos meninos e meninas de vinte e poucos anos e o trabalho era feito 24 horas por dia, em quatro turnos. O ritmo era forte, mas o clima de amizade entre os colegas é uma de minhas melhores lembranças”, conta José Carlos da Costa, admitido no Serpro em 1977. Hoje lotado na Supgp de Belo Horizonte, José Carlos era um dos milhares de digitadores da empresa, uma nova função que surgiu quando o Serpro decidiu dar mais agilidade ao processamento da informação, abandonando o uso de cartões perfurados como método de entrada de dados.

Se os primeiros dez anos do Serpro foram de consolidação administrativa, com implantação de regionais e início do trabalho com a Receita Federal, a segunda década da instituição pode ser definida pelo crescimento dos serviços prestados a clientes diversos, suportado pela multiplicação do número de empregados. O quadro de pessoal aumentou de quatro mil, em 1975, para 19 mil, em 1984. Um time jovem que se dedicava a mostrar a eficiência que a tecnologia oferecia à gestão pública ao mesmo passo em que se empolgava com toda a efervescência cultural da época. Chegou a existir um Canta Serpro, festival de MPB promovido pela empresa nos moldes dos que empolgavam multidões de 1966 a 1985 (veja box).

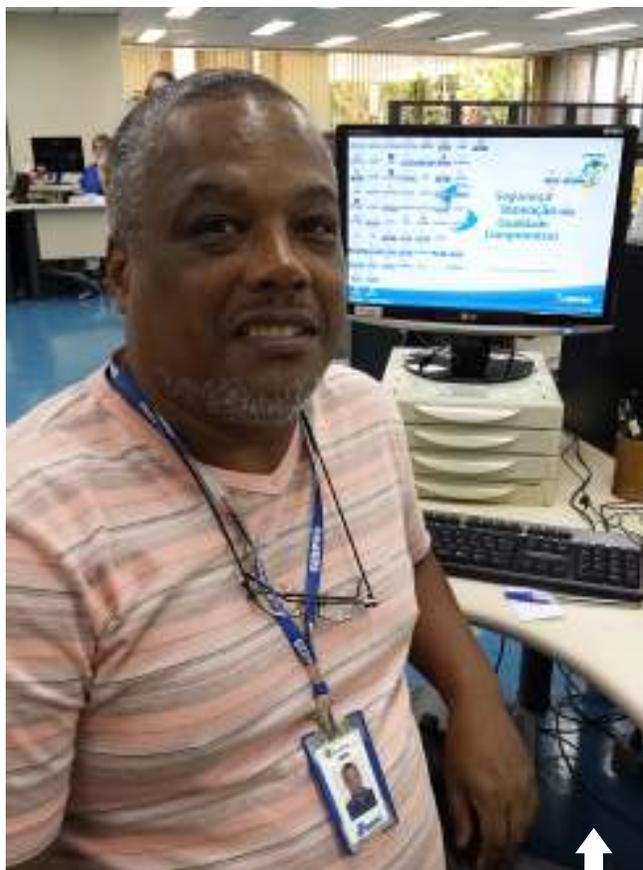


Digitação no Rio de Janeiro: número de empregados quintuplicou em dez anos

## Contratados por nove meses

Nessa época, além do quadro efetivo, o Serpro adota um mecanismo de contratação temporária seguindo o ciclo do Imposto de Renda, principal serviço prestado pela empresa. “A maior parte das contratações acontecia a partir de março e o trabalho ia até novembro. Alguns, os melhores, eram efetivados e permaneciam na empresa. Mas a maioria dos tempo-

rários saía porque nos meses seguintes não haveria demanda que justificasse a permanência de todos”, explica Heleno do Carmo, admitido em 1979 como auxiliar de Controle, atualmente na Supgp de Belo Horizonte. Ele recorda que os candidatos a uma vaga passavam por um curso gratuito de um mês na empresa. Ao final do treinamento, com certificado na mão, aqueles que não eram aproveitados acabavam



José Carlos, de BH: recordação de que clima de amizade amenizava “ritmo forte” dos turnos de trabalho

por abastecer o mercado privado de processamento de dados, que dava seus primeiros passos no Brasil. “O Serpro foi um grande formador de mão de obra para a informática nacional, com grandes empresas nascendo por iniciativa de ex-empregados que começaram suas carreiras a partir dos cursos que a empresa oferecia”, completa.

### Lágrimas e sorrisos

O trabalho de digitação – núcleo da atividade produtiva da empresa – era repetitivo e pesado, e nem todos se adaptavam a ele. Esse foi o caso de Luiza de Marillac Coimbra Holanda, que entrou em 1980 e hoje trabalha na Cetec de Fortaleza. Ela passou seu primeiro ano na empresa como auxiliar de Codificação e Conferência, responsável por receber, separar e preparar os documentos para os digitadores. “Depois, quiseram me passar pra digitação. Trabalhei por uma tarde, mas não; aquilo não era pra mim. No final do dia eu até chorei. Achei tudo repetitivo demais. A gente ficava na frente de uma máquina digitando números o tempo todo”, conta. Mas essa história teve um final feliz, já que Luiza foi transferida para outro setor logo em seguida. “Fui trabalhar na área de treinamentos e lá me encontrei profissionalmente. Gostei tanto do Serpro que estou aqui até hoje, prestes a fazer 34 anos de casa”, comemora.

### Kit de admissão com cinzeiro

Uma das curiosidades desse período, que demonstra as mudanças pelas quais o Serpro e a sociedade passaram, é a relação das pessoas com o cigarro. Fumar era uma coisa trivial dentro das empresas e a fumaça era paisagem corriqueira nas regionais. Em Belo Horizonte, recorda Heleno, quando um novo empregado era admitido, recebia um kit composto por caneta, lápis, borracha, prancheta, flanela, régua, grampeador e, o que parece algo inimaginável nos dias atuais, um cinzeiro. “O trabalho era pesado e a pressão era forte. As pessoas fumavam, digitavam, trabalhavam, e o chefe em cima. O esquema era produção”, resume José Carlos. ▶

### 🔍 Você Sabia?

#### No finalzinho da era dos festivais, Serpro também teve o seu



A regional localizada nas Minas Gerais do lendário Clube da Esquina, que reunia artistas como Milton Nascimento e Lo Borges, foi o local que viu surgir o primeiro festival de música da empresa: o Canta Serpro. Em 1984, compositores e bandas formadas pelos empregados se reuniram em Belo Horizonte. Licínio Vilac Ruas Moreira, que entrou na empresa em 1976 e hoje atua na Cogsí de Brasília, foi um dos participantes dessa edição e nos conta como foi. “Eu concorri com a música ‘Onde anda você’ (foto), na qual dividi a autoria com os colegas Marcelo Freitas e Amon Siqueira, este ex-empregado. Nossa música venceu na etapa regional. Já da etapa nacional participaram músicos de Fortaleza, Brasília, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Foi um evento tão agradável, uma festa tão boa, que ao final todos saíram comemorando. Nem me lembro quem venceu o festival”, comenta Licínio. Segundo ele, o Canta Serpro tinha “a cara” dos festivais de música comuns nessa época, com ritmos variados e regionais, bem ao estilo que consagrou a música popular brasileira.



Rio de Janeiro: minissaia, maquinário e cortes de cabelo dão o tom “anos 70”

Um outro ponto que se contrasta aos dias atuais é a forma como as pessoas se locomoviam até o trabalho. Nada lembra a paisagem atual dos estacionamentos do Serpro lotados de automóveis pelo Brasil afora. “Naquele tempo quase ninguém tinha carro, só alguns chefes e superintendentes. A gente vinha trabalhar nos ônibus da empresa. Não havia nem trânsito pra atrasar a viagem”, conta José Carlos, narrando uma realidade que se repetia em várias regionais.



Vista da Regional Recife na década de 70: poucos empregados possuíam carro

### Minissaia e clima de colégio

Gilda Maria da Graça Santos, da Supde do Rio, entrou em 1967 e se lembra de muitos detalhes dos costumes da segunda década do Serpro. Segundo ela, no final dos anos 1970 a minissaia estava em alta e seu uso era corriqueiro no ambiente de trabalho e nas festas de confraternização. “Lembro-me que a gente usava muita roupa curtinha e salto alto. Os homens não se vestiam muito diferente de hoje não. Minha memória é de um ambiente muito unido, com uma turma jovem e amiga”, afirma. Zilda Leão, admitida em 1972 como auxiliar de codificação e conferência em Belo Horizonte, concorda com a colega carioca. “As minissaias eram mini mesmo! Nessa época também havia um ar meio hippie na moda. O clima no Serpro era de colégio. A gente saía do segundo grau e começava a trabalhar. Tínhamos 18, 19 anos e todo mundo era muito amigo”, recorda-se.

O quadro era jovem e o empenho daquela meninada consolidou a maturidade da empresa: em 1976, o Serpro já contabilizava o maior parque de entrada de dados da América Latina, com nada menos que 250 milhões de documentos transcritos. Trabalho de gente grande. ■

### CRESCIMENTO ATENDEU A DEMANDAS



Expansão do quadro de empregados acompanhou aumento de clientes e de serviços.

#### [1975]

- **Incra:** sistemas para recadastramento nacional de imóveis rurais e desenvolvimento
- **Detrans:** Projeto Polvo, que iniciou informatização dos cadastros de veículos automotores
- **Estados:** sistemas de arredação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) para 17 unidades federativas

#### [1976]

- **CEF:** Sistema de Depósito da Caixa (Sidec) inicia informatização do sistema bancário nacional

#### [1978]

- **Receita:** Sistema Linhas de Informações do Comércio Exterior (Lince)

#### [1979]

- Transferência da sede do Serpro do Rio de Janeiro para Brasília

#### [1983]

- **Receita Federal:** sistema Aruanda marca início da democratização da informação ao permitir ao usuário recuperar diversas informações mantidas pelo governo federal

#### [1984]

- **Planejamento:** implantação da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), constituindo-se no maior cadastro de empregados e empregadores do país.

# CERVEJEIROS PROFISSIONAIS

*Conheça colegas que, com água, malte, lúpulo, fermento e criatividade, executam a milenar arte cervejeira*

Achar colegas que curtem uma boa cerveja é tarefa das mais fáceis. Já quando se trata de levar cerveja tão a sério a ponto de querer saborear uma safra própria, a busca é mais difícil, mas não impossível. Apresentamos alguns cervejeiros do Serpro.

## O Mestre aprendiz

Na regional Belém, encontramos uma autoridade no assunto. Iuri Ferreira da Silva, da Supde, é presidente da Associação dos Cervejeiros Artesanais do Pará (Acervas/PA). Ele teve os primeiros contatos com a cervejaria artesanal quando trabalhava na regional Belo Horizonte, em 2007. “Na época, as pessoas começavam a ter informações de que era possível fazer cerveja em casa. Eu frequentava bares e via que as cervejas importadas já eram um nicho de mercado grande”, comenta. Iuri lembra que naquela época também começou a ficar mais fácil o acesso aos insumos necessários para a fabricação (malte, lúpulo e fermento). Já morando em Belém, em 2012, e com um dinheirinho guardado, Iuri foi até Belo Horizonte fazer um curso de cervejaria e logo comprou um equipamento. “Até então eu só observava o movimento cervejeiro”, conta. Foi o início de um hobby, e, quem sabe, de uma nova fonte de renda. No início não deu muito certo. “Virou cerveja, era bebível, mas longe do que eu esperava. Na primeira eu quis



Presidente de associação local de cervejeiros, Iuri degusta uma de suas safras

inventar, a segunda já veio melhor e a terceira ficou boa. Mas eu faço cerveja há apenas um ano. Tenho muito a aprender”, entusiasma-se.

## Cerveja Prévia

Hadnney Julio Vieira Gouvea, da Supde de Belo Horizonte, iniciou no ramo da cervejaria em abril do ano passado, para tornar produtivo seu sítio, na cidade mineira de Rio Acima. Por ter contado com a ajuda de colegas da empresa, Hadnney batizou, pro-

visoriamente, sua cerveja de “Prévia”, inspirada na prévia mensal do contracheque. Com equipamento de 20 litros por brassagem (etapa do cozimento do malte) já elaborou “Prévias” de diferentes tipos como Pale Ale, IPA (sigla do inglês Indian Pale Ale) e Blond Ale.

Hadnney levou a sério o negócio de cerveja artesanal. A aceitação por parte dos amigos superou suas expectativas e ele resolveu adquirir novo equipa-



Hadnney Gouvea, de Belo Horizonte, contou com a ajuda de colegas para fabricar a “Prévia”

mento de 100 litros, “totalmente em aço inox sanitário, visando uma melhor qualidade do produto final”, orgulha-se. A pureza da água é fator extremamente importante na fabricação de uma boa cerveja e nesse quesito Hadnney está preparado. “O sítio se localiza nos arredores da região onde será construído o Parque Nacional da Serra do Gandarela, fonte de mais de 60% da água que abastece a região da grande Belo Horizonte”, garante ele. Pelo sabor tão prometido dessa cerveja é que se explica o motivo de cada safra ser mais esperada do que a prévia do contracheque...

### No estilo Professor Pardal

Walter Zapalowski, da Ceago de Porto Alegre, ainda não fez nenhuma safra sozinho, mas está há um ano fazendo um equipamento de dar inveja em muito cervejeiro antigo. Para conquistar sua façanha, Zapa, como é conhecido pelos colegas, importou três termômetros, duas bombas d'água e uma resistência elétrica. “Nada é próprio para cervejaria, a bomba, por exemplo, é para aquecimento solar”, explica ele. O equipamento está na fase do que Zapa brinca ser a “prova de conceito”: vai demonstrar se o aparelho, que é todo automatizado, atinge a temperatura certa,

### 🔍 Você Sabia?

#### Cerveja com rapadura

Malte, lúpulo e fermento são os ingredientes básicos na fabricação da cerveja, o que não limita a imaginação do cervejeiro. Ingredientes como rapadura, castanha, mel e cana podem ser usados para potencializar a fermentação ou mesmo para dar gosto, dependendo da fase do processo de fabricação em que são incluídos na receita. “Para dar uma pegada nacional já usei frutos da Amazônia, como murici e acerola no final da fermentação. Deu mais aroma do que gosto. O limite é a imaginação”, explica Iuri, cervejeiro de Belém.

no momento certo da brassagem. “Não é tão simples. A panela de fervura tem aquecimento a gás e a panela de controle do mosto é aquecida com resistência”, explica Zapa. O equipamento também conta com termostato e cotador, aparelho que liga e desliga a energia da resistência, para dar maior exatidão à temperatura da brassagem. Apenas os processos de envase, trituração do malte e arrolamento serão manuais. O currículo cervejeiro do rapaz ainda está no início. Ele já fez curso e preparou cerveja junto com amigos. Muita gente aguarda com expectativa que a máquina comece a funcionar. ■

## ÀS MARGENS DO AMAZONAS

*Conheça mais da representação da empresa na capital do Amapá, localizada na latitude zero da Terra*

O macapaense Zé Miguel retratou bem o sentimento dos moradores da capital do Amapá: “É fácil meu endereço / vá lá quando o sol se pôr / na esquina do rio mais belo, com a Linha do Equador”, escreveu o poeta sobre a cidade localizada às margens do rio Amazonas. Macapá é a única capital brasileira cortada pela linha do Equador.

O aspecto geográfico garante altas temperaturas o ano todo e permitiu a construção de um monumento que é um dos símbolos da cidade: o marco zero do Equador. A edificação de 30 metros de altura permite apreciar uma ocorrência curiosa em dois dias do ano: um em março outro em setembro, nos quais ocorre o equinócio de inverno e o equinócio de verão. Nessas datas, nas quais as 24 horas são igualmente divididas em doze horas de noite e doze horas de “dia”, o sol alinha-se ao círculo vazado localizado no topo do monumento, projetando no chão, pelo contraste de luz e sombra, a linha imaginária do Equador. Uma ocorrência que se transformou em evento turístico da região.

Criado em 1992, o escritório do Serpro foi instalado em Macapá para atender a crescente demanda da Delegacia da Receita Federal na região. A necessidade dos clientes era crescente, sobretudo no tocante



Equipe do escritório de Macapá, inaugurado em 1992

ao Siscomex, muito utilizado pelos importadores da recém-criada Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS).

Hoje, de acordo com o chefe do escritório, Eduardo Lopes, os principais clientes atendidos ali são a Secretaria do Patrimônio da União, a Superintendência de Administração do Ministério da Fazenda, a Procuradoria da Fazenda Nacional, a Receita Federal e o Departamento de Polícia Federal.

Segundo ele, são realizados serviços de administração de Rede Local e emissão de certificados digitais, além de atividades de suporte ao sistema Promasp: Sistema Nacional de Passaporte (Sinpa) e Sistema de Tráfego Internacional (STI), da Polícia Federal. “A emissão de certificações digitais, seja para os contribuintes ou servidores federais, é uma das maiores do Brasil em quantidade de emissões, uma vez que Macapá possui um número expressivo de funcionários públicos”, destaca Eduardo. ▶



Equipe conquistou respeito e admiração dos usuários do serviço da Rede Serpro

Na cidade desde a implantação do escritório, o técnico em informática Edson Nunes tem uma ligação especial com Macapá. Ele conta que nesses 21 anos viveu muitas experiências marcantes. “Mesmo com todas as dificuldades que já enfrentamos, como racionamento de energia elétrica, a equipe não se desmotivou e manteve o bom nível na qualidade dos serviços. Assim, a nossa unidade se consolidou como referência em serviços de tecnologia da informação para o cidadão macapaense, especialmente no serviço público”, afirma.

Outro que conhece bem a história do escritório é o colega Carlos Alberto Gonçalves. Ele também recorda que a implantação do Serpro deu-se num período de forte racionamento de energia, em que o abastecimento era interrompido diariamente por quatro horas. “Tínhamos também muitos problemas de conexão que, na época, era ponto a ponto. Sem contar que a ativação era manual. Apesar de a equipe possuir somente quatro técnicos, ganhamos de pronto a simpatia dos usuários, pois os problemas eram resolvidos de imediato”, orgulha-se.

### A saga de chegar até o Oiapoque

Outra dificuldade enfrentada pela equipe foram os atendimentos executados no município de Oiapoque, distante 600km de Macapá. O acesso, feito somente por rodovia, teve por muito tempo 300km de estrada de terra. Os problemas com os técnicos que iam até a cidade resolver os chamados eram frequentes. Não raro, os ônibus ficavam atolados na lama e levavam horas até serem rebocados. Outras vezes, segundo Carlos Alberto, era preciso aguardar outras muitas horas por socorro. Com as péssimas condições da rodovia, era inevitável que caminhões ficassem atravessados na estrada impedindo o fluxo de veículos.

Apesar das dificuldades, os desafios nunca foram obstáculo para a equipe de Macapá. Eduardo Lopes acredita que uma das maiores conquistas ao longo do tempo foi ter consolidado a marca Serpro como sinônimo de qualidade para os usuários, além da responsabilidade no atendimento das demandas no prazo estabelecido. “O Serpro já faz parte da vida desta cidade no que concerne à prestação de serviços de TI, graças ao comprometimento de toda equipe”, destaca Eduardo, referindo-se ao time de 15 colegas que se dividem entre as atividades na sede do escritório e na Delegacia da Receita Federal.

Segundo Eduardo, há um bom clima de trabalho entre os colegas, potencializado pela excelente qualidade de vida na cidade. A orla fluvial, com bons restaurantes e uma vista excepcional do rio Amazonas, aliada ao ritmo pacato de cidade ainda pequena, permite aos habitantes uma caminhada à beira-rio no fim do dia. O passeio no Parque do Forte, junto à Fortaleza de São José, também é um dos programas que fazem a vida na cidade compensar a distância e a falta de alguns recursos. ■

## A FAVOR DOS FELINOS

*Serprianos que cuidam de gatinhos garantem: há muita ideia errada sobre esses bichos*

Cantam os gatos saltimbancos do clássico de Chico Buarque que os gatos, nascidos pobres, porém livres, jamais reconhecem senhor, senhora ou senhorio... afinal, além de traiçoeiros, os bichanos jamais se apegam aos donos, certo?

A contar por relatos de alguns colegas do Serpro que cuidam desses animais, essas são afirmações das mais equivocadas. Eles asseguram: os gatos são afetuosos e demonstram, sim, carinho pelos donos. Tanto é assim que o encantamento pelos bichanos faz com que muitos colegas adotem animais abandonados. É o caso de Tiago Silva, do setor de transportes da Regional Recife. Ele mantém um gato adotado em casa, mas zela por uma “comunidade” deles, que vive no entorno de seu prédio. Tiago os alimenta, dá vacina e também leva os animais para serem castrados.

O colega conta que teve seu primeiro gato quando tinha sete anos e, a partir daí, o amor pelos bichanos só fez aumentar. “Eles são tão carinhosos quanto outros animais. Quando chego, aproximam-se, exigem afagos”, diz Tiago. “O mais gratificante em manter esta atividade, que requer dedicação de tempo e dinheiro, é o carinho que recebo”, ressalta. Para exemplificar que a crença de que gatos não se apegam ao dono é impropriedade, Tiago relata que uma das gatas zelada por ele não deixa ninguém parar perto dela, mesmo que esteja oferecendo alimentos. Mas com ele a gatinha é sempre receptiva. “E não há

sentido em dizer que são traiçoeiros. Nesses anos todos em que venho cuidando de gatos, jamais fui atacado por qualquer um deles”, afirma o colega.

Seu xará Tiago Palmeira, da Supop de Recife, endossa a avaliação. “Quando minha esposa e eu pegamos três gatas da rua para adoção, nossa ideia era não nos envolver muito com os animais, porque tínhamos tido a experiência dolorosa de perder um cão”, relembra, acrescentando que o casal também tinha uma visão um pouco distorcida em relação a gatos. “Mas com o passar do tempo, fomos percebendo como são seres especiais e o amor por eles foi crescendo sem parar”, revela Palmeira. Ele considera que sua maior recompensa é cuidar sem pedir nada em troca e, mesmo assim, ver que recebe tanto carinho e atenção dos felinos.

### Dedicação multiplicada

Na Regional São Paulo, destacam-se casos de serprianos que adoram os bichanos e os criam em quantidade. Flamarion Henrique Souza, da Supde, tem nada menos que dez gatos, sendo que oito foram resgatados da rua. Sua história com os gatos começou “já na barriga da mãe”, brinca o colega. “Eles vivem com toda liberdade de circulação dentro de casa. E ficam na janela quando saio para o trabalho e estão sempre perto da porta quando volto”, alega-se Flamarion.

Fernanda Falcão, também da Supde de São Paulo, protagoniza outra história de amor com esses felinos. Recolhia gatos de rua e chegou a ter vinte deles, quando morava em Araçatuba. Fernanda declara que sente uma sintonia incrível com esses animais e um grande apego, que é retribuído pelos gatinhos. Hoje na capital paulista, por conta de ter passado no concurso do Serpro, ela já não pode ter tantos gatos assim. Junto com a mãe, Fernanda agora cuida de “apenas” nove bichanos.



Flamarion, da Supde de São Paulo, com seus gatos: retribuição de afeto que emociona

Talvez uma versão mais verdadeira, mesmo que menos sonora, da música citada no início da matéria devesse ressaltar que os gatos são carinhosos, apesar de serem tão livres. E, se é discutível que se sintam dominados, certamente é inegável que retribuem os cuidados que recebem reconhecendo muito bem os donos que lhes garantem a vida. ■

